

## **OS SERES FICTÍCIOS DO ROMANCE ALENCARIANO *SENHORA*: DA FORMA AO SENTIDO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA SEMIÓTICA.** Eliane Soares de Lima, Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan – Humanas - Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara

Um romance parece só adquirir relevância estética, sendo reconhecido como uma verdadeira obra de arte literária, na medida em que seu autor consegue projetar um mundo imaginário à base de personagens integradas em um denso tecido de valores que revelam aspectos essenciais da vida humana. A criação de um mundo assim, vigoroso, de personagens “vivas” e situações “verdadeiras”, já em si de alto valor estético, exige, em geral, a seleção cuidadosa e precisa, de seres que representem a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pois, o sentido de uma obra literária parece nascer exatamente dessa construção dialógica existente entre o discurso e seu leitor.

Antonio Candido (1969) concebe a personagem como o elemento que, com mais nitidez, torna patente a realidade ficcional; sendo através dela que a camada imaginária se adensa e se cristaliza. De tal forma isso ocorre, que o leitor torna-se incapaz de refrear a emoção sentida, diante de certas personagens. Entretanto, apesar de representarem pessoas, as personagens não existem fora desse universo de palavras, são seres puramente intencionais, apenas resultados de um trabalho de linguagem.

Nesse sentido, nosso trabalho de Iniciação Científica, utilizando como *corpus*, o romance *Senhora*, de José de Alencar, procura mostrar que é precisamente nessa habilidade do autor em manusear os recursos oferecidos pela língua, que as personagens tornam-se, de algum modo, seres altamente expressivos, com sentidos que nos parecem, em um primeiro olhar, insondáveis e inesgotáveis. Isso ocorre, devido ao trabalho verdadeiramente artesanal do autor em relação à linguagem, fazendo com que mesmo as zonas indeterminadas de uma certa narrativa comecem a expressar o seu sentido.

O autor, por meio de recursos oferecidos por esse código verbal que é a língua, direciona como quer o nosso “olhar”, de forma que esses seres fictícios vão sendo projetados e delineados aos olhos do leitor. Nesses termos, fica fácil perceber que a língua, enquanto recurso verbal à disposição do autor, é muito mais do que um mero elemento que o romancista tem para representar o mundo; ela passa a ser o próprio mundo que ele representa.

Assim, o texto é a única fonte concreta capaz de nos fornecer dados precisos que permitam conhecer uma personagem; saber quem ela é e como se materializa. Logo, para definir os mecanismos de construção da personagem narrativa, optamos pelo instrumental teórico-analítico e metodológico oferecido pela semiótica greimasiana, que dando ênfase não só às relações entre os signos, mas ao processo de significação capaz de gerá-los, ajudou-nos a chegar a resultados mais precisos e adequados quanto aos procedimentos construtivo-transformacionais dos seres verbais.

Como bem explica Floch (2001, p. 13) “todo e qualquer fenômeno, desde que tomado como objeto de análise, pode ser considerado sob dois aspectos, o do sistema e o do processo”. Por isso, para a explicitação do processo de construção dos seres narrativos do romance alencariano *Senhora*, privilegiamos o conjunto das relações de diferença e de semelhança que definem as possibilidades abertas pela organização efetiva do objeto analisado, bem como o conjunto dos agenciamentos desses elementos selecionados, combinados, e dos quais a co-presença constitui o objeto realizado. Além disso, por ter a personagem como signo narrativo, em que expressão (significante) e conteúdo (significado) fundem-se a fim de produzir sentido, e por pretender estabelecer a transformação da personagem-função em personagem-estado, segundo a classificação proposta por Fenando Segolin, em seu livro *Personagem e anti-personagem*, de 1999, que nos parece mais atual para a personagem de ficção, dimensionamos nossa análise a partir de duas perspectivas: uma sintática e outra semântica.

A configuração sintática de uma personagem tem a ver com o caráter funcional do papel que ela ocupa dentro de uma dada estrutura narrativa. Desse modo, a natureza das ações que constituem o feixe funcional de uma dada obra seria o primeiro caracterizador da personagem narrativa. Por outro lado, pudemos perceber que algumas personagens, enquanto produto de uma construção verbal, apresentam uma “humanidade” muito mais complexa do que a de simples arquétipo, como sugerem aquelas construídas apenas na concentração de sentidos suscitados pelas ações. Se pensarmos na

própria protagonista do romance *Senhora*, Aurélia, veremos que o efeito de sentido obtido a partir da articulação e combinatória das proposições-motivos enriquece e complexifica sua construção, fazendo com que, cada vez mais, ela suscite no leitor a impressão de vida própria.

É importante notar que, quando passamos a falar no processo de enunciação do discurso como responsável pela configuração da personagem, estamos nos afastando do conceito de personagem-função para entrar nos aspectos da personagem-estado, aquela presa à específica combinatória dos vários componentes do discurso narrativo. Nossa preocupação, portanto, ao adotarmos, também, uma perspectiva semântica, foi a de ultrapassar o nível descritivo das ações, incorporando a dimensão figurativa do discurso, para compreender o processo de complexificação que envolve a configuração da personagem. Assim, na análise da personagem é preciso levar em conta, também, a relação da personagem com seu enunciador, buscando verificar o procedimento utilizado pelo narrador para dar expressividade a esses seres fictícios.

A escolha do romance alencariano *Senhora*, para *corpus* de nossa pesquisa, sustenta-se no fato de que, nessa obra, uma das últimas publicadas em vida (1875), José de Alencar estava em pleno auge de sua criação, o que nos leva a conhecer, mais do que nunca, sua consciência artesanal. Com uma construção que nos parece mais complexa do que a de todos os demais, este livro apresenta a presteza do autor em fazer com que suas personagens configurassem a si próprias no decorrer da ação. Em seu romance toda a estrutura narrativa parece ser calculada, com combinações de efeito e cálculos de fundo. Na obra de Alencar, a descrição de um aposento ou de um traje serve como elemento de caracterização para suas personagens, que conseqüentemente acabam por fazer parte de um sistema descritivo aplicado de maneira tendenciosa e intencional. Sendo assim, o romance *Senhora*, encaixava-se perfeitamente aos moldes de nosso interesse teórico, oferecendo-nos o material apropriado para uma análise mais precisa dos procedimentos construtivo-transformacionais dos seres narrativos.

Entendendo, portanto, a personagem como uma estrutura limitada, obtida não pela admissão caótica de uma infinidade de elementos, mas pela escolha de alguns dos elementos oferecidos pelo código verbal, e organizados segundo uma certa lógica de composição, nosso estudo, de fato, nos fez concluir que a expressividade da personagem narrativa, submetida à lógica imposta pela específica maneira de contar a história, identifica-se com a própria organização do texto narrativo, que faz com que o leitor passe a participar efetivamente da história que lê, garantindo seu real envolvimento com os seres fictícios. O leitor, dessa forma, não só lê uma história, mas ele também a presencia, os seres, a princípio erigidos em um amontoado de palavras, tomam forma, vivem, sentem e expressam seus sentimentos diante dos olhos do leitor, que cada vez mais passa a acreditar na "realidade" desses seres da ficção.

#### Referências Bibliográficas:

ALENCAR, J. *Senhora*. 5.ed. São Paulo: Ática; 1974.

CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva; 1969.

FLOCH, J. M. Alguns conceitos fundamentais em Semiótica geral. In: *Documentos de estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas*, v.1, edições Cps, 2001.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix / EDUSP; 1973.

\_\_\_\_\_. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes; 1975.

SEGOLIN, F. *Personagem e anti-personagem*. São Paulo: Editora Olha d'água; 1999.

Bolsa: FAPESP